



AS PERIFERIAS PELOS PERIFÉRICOS: UM FENÔMENO JORNALÍSTICO CONTEMPORÂNEO

[ARTIGO]

Mara Rovida Martini

Universidade de Sorocaba.

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

A busca por espaços alternativos de produção jornalística vem crescendo no Brasil. Deste universo são destacadas, neste debate, iniciativas engajadas com perspectivas – os pontos de vista das periferias – que se diferenciam das versões recorrentes de narrativas da imprensa tradicional. Para compreender esse fenômeno, buscam-se subsídios no estado da arte e em experiência empírica anotada na I Virada Comunicação, evento realizado em 2017 pela Rede Jornalistas das Periferias. Esta reflexão faz parte de uma pesquisa mais ampla em desenvolvimento.

Palavras-chave: Jornalismo Alternativo. Narrativa Periférica. Estado da Arte. Observação-experiência.

The search for alternative spaces of journalistic production has been increasing in Brazil. From this universe, this discussion highlights projects engaged with perspectives – the points of view of the outskirts – that are different from the recurring versions of narrative of traditional press. To understand this phenomenon, subsidies are sought in the state of the art and in empirical experience observed during the I Virada Comunicação organized by the Rede Jornalistas das Periferias in 2017. This study is part of a larger research in development.

Keywords: Alternative Journalism. Peripheral Narrative. State of the Art. Experience-observation.

La búsqueda de espacios alternativos de producción periodística viene aumentando en Brasil. Dentro de este universo se destacan, en el presente debate, iniciativas involucradas con perspectivas –los puntos de vista de la periferia– que se diferencian de las versiones más comunes presentadas en las narrativas periodísticas tradicionales. Para entender este fenómeno, se buscan elementos en el estado del arte y en una experiencia empírica durante la I Virada Comunicação organizada por la Rede Jornalistas das Periferias en 2017. Esta reflexión es parte de una investigación que se encuentra en desarrollo.

Palabras clave: Periodismo Alternativo. Narrativa periférica. Estado del Arte. Observación Experiencia.

1. I Virada Comunicação

Apoiando-se em um levantamento do estado da arte desenvolvido principalmente, embora não exclusivamente, a partir da base de dados do Google Acadêmico, bem como em uma pesquisa exploratória desenvolvida em 2017 e na observação-experiência de um evento organizado pela Rede Jornalistas das Periferias (ROVIDA, 2016), este artigo pretende esboçar alguns apontamentos preliminares que fazem parte de uma pesquisa ainda em desenvolvimento¹.

Não é raro constatar que algumas pesquisas acadêmicas são projetadas a partir de inquietações que afetam os pesquisadores. O interesse pode surgir de forma sistematizada, como decorrência de estudos vinculados a grandes desafios científicos propostos por grupos de pesquisa, mas também pode ser que a curiosidade advenha de uma situação casual e inesperada. Assim, o despertar para uma investigação científica pode estar relacionado a um desvio (GEERTZ, 2008) capturado pelo olhar atento e curioso do pesquisador mesmo fora do exercício de seu papel de cientista. De certa maneira, a organização dos objetivos da pesquisa citada pode ser compreendida justamente nessa perspectiva. Em parte, o despertar para este tema pode ser atribuído à pesquisa exploratória mencionada e ao acompanhamento da programação da I Virada Comunicação, organizada pela Rede Jornalistas das Periferias em

16 de setembro de 2017, no Espaço Cultural Grajaú, em São Paulo. Como os dados da pesquisa exploratória foram divulgados em comunicação apresentada no 15º Encontro de Pesquisadores em Jornalismo, realizado pela Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) em 2017, será dedicada maior atenção à observação-experiência realizada no evento da Rede.

A I Virada Comunicação foi um encontro de vários produtores culturais e de comunicação, ativistas de movimentos sociais, jornalistas e curiosos pela mobilização que permeia o universo das periferias da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), também conhecida como Grande São Paulo – composta por 39 municípios, incluindo a capital paulista, e habitada por 22 milhões de pessoas, o que corresponde a 10% da população do país, segundo dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011). A organizadora do evento, a Rede Jornalistas das Periferias, pode ser considerada um grupo composto por jornalistas e coletivos de produção jornalística das periferias, criado em 2016. Seu escopo de atuação e objetivos ainda não foram apresentados de forma clara, e o grupo ainda não tem um site ou outra referência oficial que possa servir de fonte de informação. Dados levantados durante os primeiros dias de trabalho de campo, imersão que faz parte do cronograma da pesquisa mais ampla já mencionada, indicam que a Rede ainda é uma incógnita até mesmo para os próprios membros do grupo.

Segundo Thiago de Souza Borges², fundador do coletivo Periferia em

1 O estudo nomeado “Jornalismo periférico: o diálogo social solidário nas bordas urbanas” está em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso) e conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

2 Thiago de Souza Borges foi acompanhado em dois dias de trabalho do Periferia em Movimento durante

Movimento³, que faz parte da Rede, tudo começou com um grupo de WhatsApp. Jornalistas e produtores de comunicação de diferentes coletivos, de diversas localidades da RMSP, passaram a trocar informações e dividir experiências nesse espaço que alguém decidiu chamar de Rede. Assim, de maneira orgânica, isto é, não planejada sistematicamente, a reunião desses vários grupos e jornalistas independentes fez surgir a Rede Jornalistas das Periferias. Mas o significado disso ainda não está claro nem mesmo para seus integrantes. O único ponto esclarecido por Borges, e confirmado por outros participantes da Rede, é que ela resulta da reunião desses coletivos, mas não é, ela própria, um novo coletivo. Para Livia Lima da Silva⁴, integrante do coletivo Nós, mulheres da periferia⁵, a Rede Jornalistas das Periferias – assim como boa parte das iniciativas que permeiam esse universo da comunicação produzida por coletivos – surgiu de uma maneira não planejada, por isso ainda há que se refletir a respeito de seu futuro. Apesar disso, Livia acredita que a Rede tenha uma orientação para se manter como um espaço mais interno de apoio formativo e de troca de informações dos grupos que a compõem. De acordo

o mês de julho de 2018. Foi nessa ocasião que ele falou sobre a Rede Jornalistas das Periferias. Os dados dessa incursão em campo ainda carecem de refinamento e reflexão e serão divulgados futuramente.

3 O trabalho do coletivo pode ser acompanhado pelo site: periferiaemmovimento.com.br.

4 Livia Lima da Silva foi entrevistada no dia 30 de julho de 2018 para a pesquisa em andamento já mencionada. Assim como o material produzido no trabalho com Thiago de Souza Borges, os dados dessa entrevista serão futuramente apresentados.

5 O trabalho do coletivo pode ser acompanhado pelo site: <http://bit.ly/2T4ZCVy>.

com essa perspectiva, a Rede não seria uma instância pública, mas serviria de respaldo e fortalecimento para os grupos que já existem. A reticência em relação a um posicionamento mais claro a respeito da Rede parece diretamente vinculada ao fato de que, quando se começou a divulgar sua criação, se observou a crescente expectativa de que um novo grupo como os Jornalistas Livres estivesse surgindo. Ainda de acordo com Livia, esse não era o intuito do grupo, por isso eles estão discutindo a respeito de seu escopo e há essa preocupação em aguardar uma definição melhor e preservar a proposta original – em outros termos, apresentar a Rede como espaço de suporte ou *background*.

Com apoio da Ford Foundation, da Fundação Tide Setúbal e do Instituto Alana, a I Virada Comunicação teve nove mesas temáticas, apresentações culturais nos intervalos e oficinas para estudantes, além dos painéis de abertura e de encerramento. Com temas variados, que foram de questões de gênero à violência policial, passando por educação e mobilidade urbana, o evento serviu como espaço de debate e discussão sobre as múltiplas realidades que compõem as periferias, sempre apresentadas no plural para enfatizar a diversidade que as compõe. A questão comunicacional permeou o encontro e foi enfatizada na abertura e no encerramento, momentos em que o jornalismo foi debatido coletivamente com base nas variadas experiências representadas pelos produtores ligados à Rede presentes no evento.

Um dos aspectos mais pertinentes da fala de Gisele Brito (Rede Jornalistas das Periferias) e de Tony Marlon (coletivo

Historiorama⁶) durante o painel de abertura disse respeito ao entendimento do que caracteriza o jornalismo das periferias. Para eles, o diferencial dessa produção jornalística está na atribuição ou ênfase dada ao CEP da notícia. Em outras palavras, as narrativas produzidas por esses jornalistas periféricos são elaboradas a partir de um determinado território, o que as diferencia por conterem perspectivas específicas, que não podem ser entendidas fora dessa relação com o lugar de pertencimento dos sujeitos representados nas histórias e dos sujeitos produtores da comunicação. Essa vinculação com o espaço é geradora de identidade social e determina como os sujeitos sociais participarão da vida na cidade, na sociedade. Em outros termos,

Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando, incessantemente, para melhor ou para pior, em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência, preço), independentes de sua própria condição. Pessoas com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até mesmo o mesmo salário têm valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas. Por isso, a possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está. Enquanto um *lugar* vem a ser condição de pobreza, um *outro lugar* poderia, no mesmo momento histórico, facilitar o acesso àqueles bens e serviços que lhes são teoricamente devidos, mas que, de fato, lhe faltam (SANTOS, 2002, p. 81, grifo do autor).

6 O trabalho do coletivo pode ser acompanhado pelo site <http://bit.ly/2GKv4BN>.

O excerto do texto do geógrafo brasileiro Milton Santos ajuda a compreender como essa relação com o território – entendido sempre como espaço ocupado que se constitui pelas pessoas que nele habitam – não apenas influencia a produção dessas narrativas como também é determinante para caracterizá-las. Ainda de acordo com os representantes da organização da I Virada Comunicação que compuseram a mesa de abertura, o olhar das periferias passa a ser central na produção dessa comunicação e desse jornalismo. Essa perspectiva periférica, num jogo quase filosófico, passa a ser central nas narrativas produzidas por esses jornalistas independentes ou coletivos de jornalistas. O motivo dessa postura tem relação com uma percepção compartilhada por esses comunicadores, por meio da qual se constata o silenciamento sistemático dos grupos identitários vinculados às periferias da grande metrópole. Esse fato também é observado por pesquisadores da área da comunicação, conforme levantamento do estado da arte que será melhor apresentado a seguir.

Se o diagnóstico da ausência de vozes e perspectivas diversas das periferias na produção jornalística hegemônica é a motivação desses jornalistas periféricos, a saída encontrada para apresentar uma outra forma de narrar as periferias é o que os reúne nesses projetos coletivos. Ainda na mesa de abertura, as intenções de atuar de forma colaborativa na Rede, que traz em seu nome a ideia de espaço de troca e apoio mútuo, são enfatizadas como parte da missão do grupo. Mas como o trabalho conjunto não é apenas idealizado, pois já é uma realidade, ainda que recente e incipiente, as dificuldades já são vislumbradas e se fazem presentes no debate. Ao eleger como forma de trabalho a perspectiva horizontal, sem

lideranças, todas as decisões e dificuldades são discutidas pelo grupo, e para que as ações tenham andamento é preciso paciência e tranquilidade, porque a Rede é tomada como espaço de convergência, e não exatamente de consenso. Assim, a complexidade dessas ações vai ganhando contornos mais fortes e deixando claro o desafio a que se propõem esses sujeitos, que aqui passam a ser tomados como personagens de pesquisa.

Outro aspecto enaltecido ao longo das mesas de debate da I Virada Comunicação é a dificuldade de manter os projetos desses coletivos em funcionamento. Embora o ambiente virtual tenha se tornado um facilitador, o que permitiu o surgimento de inúmeros projetos novos na década de 2010, a sustentação financeira segue sendo um desafio. Vários modelos de financiamento vêm sendo testados – aliás, esse é um aspecto contemporâneo do mercado da comunicação como um todo, conforme apresentado por Maria Clara Aquino Bittencourt (2018). Há certamente mais dúvidas e dificuldades do que certezas e facilidades no que diz respeito à manutenção desses projetos.

Além da questão financeira, outro desafio que se apresenta para os jornalistas engajados com as perspectivas das periferias é o público alcançado por suas produções. Esse foi um dos principais pontos discutidos em algumas mesas temáticas e no painel de encerramento do evento. Ao que tudo indica, a audiência dessa produção não é formada pela população das periferias, apresentadas como personagem principal das narrativas criadas por esses jornalistas, mas sim por um seleto grupo de pessoas engajadas com causas variadas que circula em bairros centrais da capital paulista. Em outros termos, o público alcançado até o momento é

majoritariamente formado por não-periféricos. Assim, outro desafio a ser enfrentado por esses jornalistas é alcançar e tornar os sujeitos protagonistas de suas narrativas em parte do público de suas produções de forma mais recorrente. Mas essa constatação não pode ser tomada como uma regra geral. Há alguns coletivos, como é o caso do Periferia em Movimento, que conseguem uma inserção maior entre os públicos das periferias, especialmente entre os moradores do Grajaú, território enfatizado na cobertura do grupo. Isso porque uma das características mais fortes do coletivo, e trabalhada com ênfase, é a prestação de serviço informativo – desde questões de mobilidade urbana, divulgação de eventos, até anúncios de vagas de emprego. A variedade de formatos de produção jornalística, bem como a variação de arranjos de trabalho e do modelo de organização/negócio devem ser observadas como definidoras da pluralidade que marca os grupos ligados à Rede – o que também se fará presente no contexto de recepção da produção desses jornalistas das periferias. Trata-se certamente de um universo complexo, com variedade de enquadramentos e características que devem ser levadas em consideração, embora se almeje encontrar alguns pontos comuns.

2. Uma parcela do jornalismo alternativo e/ou independente

O contexto de produção jornalística apresentado no relato anterior indica que esta discussão se estabelece na esfera do jornalismo alternativo e/ou independente. O jornalismo periférico, como vimos

chamando, pode ser compreendido como parcela da produção alternativa e/ou independente contemporânea. A pergunta que surge dessa constatação, supostamente simples, é: com qual entendimento de jornalismo alternativo e independente se orienta esta discussão? Esse questionamento é essencial, uma vez que não há consenso sobre o conceito desse tipo de produção comunicacional.

Como bem apontado por Figaro, Nonato e Pachi Filho (2018), há certa dificuldade em compreender como esse tipo de trabalho jornalístico pode ser enquadrado e como pode ser entendido. Em primeiro lugar, porque não há consenso entre os estudiosos da área; em segundo, porque a variedade de enquadramentos jurídicos e econômicos impõe dificuldades extras nessas definições. As autoras (Ibidem) participam de uma grande pesquisa em andamento no Centro de Pesquisa Comunicação e Trabalho da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) sobre os jornalistas em arranjos econômicos alternativos. O objetivo é mapear projetos e organizações em atuação, principalmente na RMSP, com essa característica alternativa, para compreender de que maneira essas produções se mantêm financeiramente e quais são as condições de trabalho dos jornalistas envolvidos nesses projetos. Certamente os trabalhos desenvolvidos pelos jornalistas das periferias fazem parte desse universo maior e, portanto, os dados da pesquisa “As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos independentes de corporações de mídia” (Ibidem) devem contribuir com esta reflexão.

Outra contribuição pertinente nesta discussão é trazida por Carvalho e Bronosky (2017). Os autores partem do pressuposto de que, se um espaço ou produção se apresenta como alternativo, há certamente um espaço ou produção hegemônico ou tradicional. Assim, a comparação entre o jornalismo tradicional e o alternativo é um dos pontos de partida para o entendimento desse fenômeno comunicacional.

Estas iniciativas representam o espírito livre que move o senso crítico que transforma as estruturas sociais, impondo limites para os interesses particulares que possa se deixar escapar pela inflexibilidade do jornalismo convencional. Mais do que isso: propõem uma outra forma de percepção da realidade cuja base de ação dialética disputa as atenções com os grupos jornalísticos dominantes, cujo propósito, em essência, é assumir este posto e de reorientar o pensamento sobre o que seria jornalismo (Ibidem, p. 25).

A diferença entre o jornalismo produzido pelos grupos dominantes e o jornalismo alternativo, segundo Carvalho e Bronosky (Ibidem), não é marcada exatamente pelo modo de fazer ou pelas técnicas produtivas, que são, na visão dos autores, por vezes similares. A distinção se dá pela hierarquização das informações e pela presença de determinadas vozes ou fontes. Tais escolhas passam pelo compromisso público assumido pelos produtores do jornalismo alternativo, cujo objetivo é apresentar aquilo que é omitido pela imprensa tradicional. “Os veículos alternativos atuam com questões relacionadas à realidade das classes mais desfavorecidas ao dar espaço para determinadas vozes omitidas ou subestimadas no jornalismo convencional” (Ibidem, p. 34).

Numa visão bastante similar, Dennis de Oliveira (2017) apresenta e defende a importância do que ele nomeia de “jornalismo emancipatório”, uma espécie de possibilidade alternativa que faz parte do fenômeno comunicacional. Baseando-se em uma leitura de mundo freireana e na metodologia participativa de Oscar Jara, Oliveira indica que

um jornalismo emancipatório se faz, necessariamente, por um ponto de partida de criticidade do contexto vivido – só se pretende ser emancipatório se considerar o contexto vivido como opressor. E há uma posição tomada, que é a do oprimido. O segundo é que ele vai ao encontro da perspectiva freireana de libertação em comunhão, isto é, que a emancipação é um projeto construído coletivamente (Ibidem, p. 195).

Se o contexto vivido é opressor, indica-se a necessidade de propostas alternativas que contemplem aquilo que não é apresentado de forma satisfatória na produção hegemônica. Esse entendimento parece ir ao encontro do debate apresentado na I Virada Comunicação e também serve para resgatar a pertinência de uma visão de jornalismo plural, isto é, um entendimento de que o jornalismo contém a potencialidade de ser um espaço formado pela diversidade que caracteriza a sociedade contemporânea. Na visão de Cremilda Medina (1996), o jornalismo é tomado como espaço de diálogo pautado pela polifonia e pela polissemia típicas da sociedade capitalista e urbana.

Partindo dessa escola de pensamento comunicacional, entende-se que o jornalismo representa um espaço de construção de diálogo social, mas para isso o jornalista

assume um compromisso com as várias vozes e perspectivas que permeiam o fato jornalístico. É esse o aspecto central da crítica que serve de ponto de partida para os produtores do jornalismo periférico justificarem seus projetos. De acordo com essa visão, há uma sistemática ausência das vozes e visões das periferias na narrativa produzida pela imprensa hegemônica, o que contradiz a noção de jornalismo como espaço de diálogo e mediação social (Ibidem).

É pertinente ponderar que a crítica dirigida à imprensa não é ingênua ou exagerada ao indicar uma total ausência das realidades periféricas nessa cobertura hegemônica. O silenciamento e as ausências a que se referem os críticos, estudiosos e jornalistas vinculam-se a uma visão mais ampla e complexa da diversidade das periferias. Isso porque essa parcela do extrato urbano da metrópole será, sim, alvo de interesse do jornalismo hegemônico, porém de uma maneira estreita, distanciada e pouco aprofundada, o que resultará em certa estigmatização de sujeitos e territórios periféricos. Esse é o tema da reflexão apresentada por Patrick Champagne (1997) na obra coletiva coordenada por Pierre Bourdieu, *A miséria do mundo*.

A interferência da mídia na leitura da realidade social é uma das premissas compartilhadas por Bourdieu e pelos demais autores que participam da coletânea citada. Patrick Champagne (Ibidem) observa como a forma de apresentação dos fatos jornalísticos parece pautada pelo reforço de certos estigmas e preconceitos, o que tem implicações sociais sérias e complexas.

Champagne (Ibidem) defende que nem todos os mal-estares da sociedade são midiáticos, mas aqueles que são apresentados

pelo jornalismo acabam sendo deformados. Tanto na seleção dos fatos noticiáveis como na apresentação das narrativas jornalísticas, o jornalista busca enaltecer aquilo que é “fora do comum”, aquilo que choca e, certamente, chama a atenção do público. Essa interferência, pautada por uma lógica descompromissada com o interesse social, porque balizada pelo interesse econômico, acaba por reforçar julgamentos. É a essa constatação que o autor chega ao avaliar a construção coletiva de representação social produzida pelo jornalismo na cobertura dos chamados subúrbios parisienses, que podem ser aproximados das periferias de São Paulo por suas similaridades.

Segundo Champagne (Ibidem), as populações marginalizadas e a dinâmica dos subúrbios não interessam muito à imprensa. São raros os momentos em que os jornalistas abordam essa temática e, quando isso acontece, o tratamento dispensado às pautas parte de uma leitura estigmatizada.

Quando são populações marginais ou desfavorecidas que atraem a atenção jornalística, os efeitos da midiaticização estão longe de ser os que os grupos sociais poderiam esperar porque os jornalistas dispõem, nesses casos, de um poder de constituição particularmente importante, a fabricação do acontecimento foge quase totalmente a essas populações (Ibidem, p. 67).

Se o que prevalece é uma insistência naquilo que foge à normalidade, certamente a violência será um dos aspectos mais buscados nessa abordagem, segundo Champagne (Ibidem). O subúrbio então quase sempre será vinculado a acontecimentos violentos, e as vozes dos sujeitos desses cenários estarão impreterivelmente

ligadas a esse tipo de situação. Portanto, o estigma é reforçado, por um lado, porque esses sujeitos são mencionados quase que exclusivamente nesse tipo de pauta; mas, por outro, porque são considerados de capacidade intelectual e cultural limitada para opinar sobre qualquer coisa, mesmo que diga respeito ao próprio subúrbio. “Fala-se deles mais do que eles falam e, quando falam aos dominantes, tendem a tomar o discurso emprestado, o que os dominadores usam” (Ibidem, p. 69). Como numa espécie de osmose, a visão apresentada pela mídia sobre a realidade dessas populações é apreendida e reproduzida por elas próprias.

Ainda nessa avaliação do tratamento dispensado à pauta do subúrbio, o autor observa que a suposta neutralidade ou imparcialidade jornalística se transforma numa narrativa artificial da realidade e não consegue promover o debate público (Ibidem) ou o diálogo (MEDINA, 1996). Não é possível, nessa cobertura, tocar a complexidade da realidade desses bairros e cidades periféricas. No exemplo de um caso francês analisado pelo autor, observa-se que o estigma prevalece e é reforçado: “longe de fazer compreender, esta ‘cobertura mediática’ serviu de motivo para ver ressurgirem os estereótipos sobre os subúrbios e os grandes conjuntos habitacionais” (CHAMPAGNE, 1997, p. 71).

Com a prevalência desse tipo de abordagem, a imprensa acaba por contribuir com uma imagem empobrecida e preconcebida dos subúrbios e não consegue fazer ver o cotidiano urbano complexo e recheado de acontecimentos que não estão necessariamente ligados à violência. A persistência dessa perspectiva estereotipada contribui para que os moradores dessas localidades enfrentem a desconfiança e o preconceito,

por serem associados a uma imagem de delinquência (Ibidem).

Mesmo que a imprensa não seja ela própria responsável pela dura realidade enfrentada pelas populações suburbanas, sua atuação contribui negativamente.

A mídia doravante faz parte integrante da realidade ou, se preferir, produz efeitos de realidade criando uma visão mediática da realidade que contribui para criar a realidade que ela pretende descrever. Sobretudo as desgraças e as reivindicações devem exprimir-se midiaticamente para vir a ter uma existência publicamente reconhecida e ser, de uma maneira ou de outra, “levada em conta” pelo poder político (Ibidem, p. 75).

Como espaço de resistência e de alternativa dessa realidade da produção jornalística, apresentam-se os projetos de comunicação independente e alternativa que formam o universo mais amplo do fenômeno em análise. Com base nessa constatação e no discurso compartilhado na I Virada Comunicação, recupera-se a leitura sistematizada de uma produção jornalística periférica cujas comunicadoras responsáveis fazem parte da Rede Jornalistas das Periferias.

3. Não se trata de dar voz, mas de dar ouvidos

“A periferia tem voz. Acho muito pretencioso querer dar voz a quem já tem, a quem na verdade grita, até. Acho que faltam ouvidos; é disso que a periferia precisa, de ouvidos.” Esta

fala, que demonstra uma compreensão bastante aprofundada da questão ora colocada em foco, foi proferida durante uma aula do curso de graduação em Jornalismo nas Faculdades Integradas Rio Branco, localizada na Lapa, em São Paulo, em 2017. O autor do comentário, à época aluno do 7º semestre, é atualmente repórter do Portal R7. Kaique Dalapola passou por algumas experiências de produção jornalística alternativa e independente durante sua formação, além de ser militante conhecido nas “quebradas”, como as periferias são por vezes nomeadas. Segundo ele, essa ideia de dar ouvidos à periferia é resultado de sua experiência na Mural – Agência de Jornalismo das Periferias, grupo que também faz parte da Rede Jornalistas das Periferias. Lança-se mão do registro desse comentário tão pertinente ao presente debate para evitar que ele simplesmente se perca, afinal a hegemonia da cultura da escrita parece diminuir a importância e, por vezes, inviabilizar a oratura (MEDINA, 1987).

A ideia de que a periferia já tem sua voz, ou suas vozes, pode parecer simplória, mas está carregada de significado e resvala num debate epistemológico do fazer jornalístico. Se o jornalista é pensado como mediador do diálogo social (MEDINA, 1996), não é ele quem dá voz aos personagens das narrativas: ele primeiramente dá ouvidos a essas vozes variadas, para então representá-las ou apresentá-las em suas narrativas. Sem antes ser ouvidos, o jornalista não pode nunca tocar a “utopia” da interação social criadora (Ibidem). É preciso ver, ouvir e sentir a realidade social com os cinco sentidos, como defende Medina (Ibidem), para ser capaz de criar narrativas que toquem o público e sejam representativas de um real processo de mediação social.

Com base nesse desafio que está posto a todos os jornalistas, independentemente de suas bandeiras ou esferas de atuação, retoma-se um dos exemplos de jornalismo periférico que tem por objetivo fazer ecoar parte das vozes ausentes da cobertura tradicional da imprensa: as vozes femininas das periferias. O site “Nós, mulheres das periferias” é um projeto desenvolvido por seis jornalistas que têm como objetivo trabalhar pautas de vários assuntos, mas sempre a partir de um prisma, que é a perspectiva das mulheres periféricas.

Uma leitura sistematizada da produção do grupo foi apresentada no artigo “Narrativas periféricas: protagonismo feminino promovido pelo trabalho de mulheres jornalistas” (ROVIDA, 2017), publicado nos Anais do 15º Encontro de Pesquisadores em Jornalismo, realizado em 2017 pela SBPJor. Com base nos resultados desse levantamento exploratório, que tinha por objetivo compreender de que maneira essas narrativas eram elaboradas e como elas davam conta de manter a perspectiva feminina periférica como diretriz da produção jornalística, observou-se que a linha editorial é mantida com coerência e é claramente exposta ao leitor. Assim, o engajamento com a questão de gênero nas periferias da RMSP não apenas aparece como parte do contexto das personagens das narrativas produzidas pelo grupo como é definidor do posicionamento das jornalistas. Em outros termos, há uma aproximação assumida e proposital entre jornalistas e fontes de informação por uma característica identitária compartilhada: ser mulher nas periferias de São Paulo.

Nesse exemplo, nota-se de maneira evidente a relação de engajamento social

dos jornalistas (neste caso, das jornalistas) envolvidos nesse tipo de produção. É interessante perceber que, ao que tudo indica, uma das marcas desse extrato do jornalismo alternativo formado pelo que vimos chamando de jornalismo periférico é a relação entre os produtores da comunicação e o território sobre o qual falam. Isso implica em inserir personagens ou protagonistas das narrativas jornalísticas e jornalistas num mesmo contexto urbano.

A reunião de personagens, mediadores (jornalistas) e público potencial num mesmo contexto urbano traz à baila a possibilidade de compreender o potencial dialógico dessa produção jornalística de maneira próxima ao que foi nomeado de diálogo social solidário (ROVIDA, 2015). Este é um tipo de acontecimento raro, embora potencialmente presente no jornalismo comprometido com o diálogo dos afetos (MEDINA, 2003) que, de forma resumida, pode ser compreendido como um momento em que a dialogia jornalística (MEDINA, 1996) possibilita a ampliação do espaço de acontecimento daquilo que Durkheim (2004) chamou de solidariedade orgânica – um tipo de interação social em que os sujeitos diversos se percebem como parte de uma rede de relações mais ampla que supera suas diferenças e, em outros termos, se percebem como parte da sociedade.

4. Periferia como distância, como pedaço e como quebrada

A periferia é pensada, geralmente, como um lugar distante, longínquo. Mas

ao trabalhar o conceito no mundo capitalista contemporâneo, Milton Santos (1979) tece uma teoria um pouco mais complexa. Segundo o autor, a segregação das populações periféricas não se estabelece apenas pela distância geográfica, mas também pelo empobrecimento.

O empobrecimento da periferia provoca a formação de uma verdadeira *periferia dentro do polo*. A noção de periferia estava até aqui carregada da noção de *distância*, que constitui, de longe, o fundamento da maior parte das teorias espaciais e locais. À essa noção de periferia, dita “geográfica”, é preciso opor uma outra, a de periferia socioeconômica, se levarmos simultaneamente em consideração os lugares tornados marginais ao processo de desenvolvimento e, sobretudo, os homens rejeitados pelo crescimento. Estes homens formam a periferia social dentro do polo econômico e, se o modelo de crescimento continuar a ser o que é, estão arriscados a, por longo tempo ainda, encontrar aí sua única residência possível (Ibidem, p. 65, grifo do autor).

Com base nessa noção de periferia como lócus de segregação socioeconômica e, conseqüentemente, de periféricos como sujeitos marginalizados por sua condição de vinculação a esses territórios, é possível entender como se constitui a visão dos que estão fora desse contexto urbano. Em outros termos, o excerto de Santos (Ibidem) ajuda a compreender de que maneira a periferia e os periféricos participam do contexto mais amplo da cidade contemporânea global. Por outro lado, entende-se que tal visão é insuficiente para compreender como os próprios periféricos apreendem esse território.

Para compor de forma mais complexa uma abordagem ou visão do que é a periferia e o ser periférico, optou-se por uma costura conceitual que pudesse ajudar a compreender essas noções teóricas numa relação com a perspectiva dos sujeitos de pesquisa. O estudo de José Guilherme Cantor Magnani (1998) sobre o circo nas periferias da RMSP traz indicações pertinentes e que parecem corresponder às necessidades aqui esboçadas.

Em sua abordagem, o autor (Ibidem) faz uma espécie de atualização da forma de organização da sociedade brasileira pensada anteriormente por Roberto DaMatta (1991). Isso significa que Magnani (1998) acrescenta um terceiro espaço social para descrever as formas de interação observadas nas periferias.

Segundo a conhecida fórmula damatiana, têm-se dois planos, cada qual enfeixando de forma paradigmática uma série de atitudes, valores e comportamentos, uma delas referida ao público e, a outra, ao privado. O “pedaço”, porém, apontava para um terceiro domínio, intermediário entre a rua e a casa: enquanto esta última é o lugar da família, à qual têm acesso os *parentes* (ligados por laços já estabelecidos de antemão) e a rua é dos *estranhos* (onde, em momentos de tensão e ambigüidade, recorre-se à fórmula “você sabe com quem está falando?”, para delimitar posições e marcar direitos), o pedaço é o lugar dos *colegas*, dos *chegados*. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e do que se pode ou não fazer (MAGNANI, 1998, p. 12, grifo do autor).

No contexto de estudo de Magnani, estão presentes vários atores sociais que

participam da “construção” do pedaço. Aqui o termo, embora não limitado a uma perspectiva apenas geográfica, está diretamente vinculado aos bairros periféricos da cidade de São Paulo. Trata-se de uma observação que se direciona aos lugares distanciados fisicamente dos centros estruturados da metrópole, como também aos espaços empobrecidos ocupados pelas populações mais carentes, conforme já apontado por Santos (1979). Esse debate se mostra presente no contexto das produções dos jornalistas das periferias a partir de uma outra palavra, a “quebrada”.

A noção de pedaço (MAGNANI, 1998) tem similitudes com a ideia de quebrada. Segundo a entrevistada Livia Lima da Silva, o termo periferia serve para indicar o território periférico como um todo, mas quando o objetivo é falar de seu próprio bairro, de sua vila, de sua rua, opta-se pelo termo “quebrada”. Assim, nas narrativas do jornalismo das periferias e também na fala dos periféricos, a parcela da periferia que se identifica como “pedaço”, num sentido de vínculos sentimentais, será nomeada de “quebrada”. Essas noções teóricas em disputa ajudam a apreender a complexidade desse contexto, bem como das interações sociais estabelecidas por esses sujeitos sociais.

É justamente pela configuração do território como espaço ocupado – conforme indica Milton Santos (1979) – que a quebrada ou o pedaço será recortado para a pesquisa de Magnani (1998). Por conta disso, o contexto do estudo inclui algumas formas de mobilização social, como movimentos coletivos que brigam pelos direitos dessas populações mais pobres.

Sem entrar nessa discussão [se os movimentos sociais são espontâneos ou fruto

de trabalho organizado], pode-se afirmar, no entanto, que se está muito longe do suposto estado de exclusão crescente descrito em trabalhos inspirados na teoria da marginalidade. Estudos mais recentes sobre a questão dos movimentos sociais urbanos afirmam, ao contrário, não só a capacidade de mobilização de seus agentes em torno de reivindicações específicas, como ainda o caráter político contido nessas demandas e nas formas de luta mediante as quais se expressam (Ibidem, p. 24).

Além da mobilização efetiva observada no pedaço da periferia paulistana, o autor aponta caminhos para uma compreensão mais aprofundada sobre a realidade social nessas localidades. Embora a academia tenha dedicado largo espaço para críticas sobre a produção e a reprodução de manifestações da indústria cultural, que parece exercer grande influência na cultura popular, Magnani ressalta a necessidade de apreender que a cultura é “mais que uma soma de produtos, é o processo de sua constante recriação, num espaço socialmente determinado” (Ibidem, p. 26). Dessa forma, a produção cultural é atravessada por diferentes referências e se mostra como um caldeirão efervescente em constante transformação.

O estudo tem como foco o circo presente nesses bairros periféricos. As interações estabelecidas entre artistas e moradores, as referências da arte popular misturadas à produção da indústria cultural e as estruturas narrativas arquetípicas que parecem resistir ao tempo são colocadas no foco dessa observação participante. Na imersão em campo, o estudioso começa a compreender como esse território

se configura e como esse lócus se torna um intermediário entre os espaços da casa e da rua.

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. [...] A alta rotatividade do mercado de trabalho, por exemplo, que empurra os indivíduos de uma empresa a outra, dificulta a criação de laços mais permanentes. [...] Dessa forma, é principalmente o lugar de moradia que concentra as pessoas, permitindo o estabelecimento de relações mais personalizadas e duradouras que constituem a base da particular identidade produzida no pedaço (Ibidem, p. 115-116).

Constata-se que a periferia é dinâmica e plural, um território ocupado com subdivisões e organizações internas que se diferenciam entre si e tornam o espaço diverso e complexo. Longe de ser, portanto, um contínuo homogêneo, as periferias se apresentam como espaço de identidades variadas e de vínculos sociais estabelecidos por relações duradouras onde os sujeitos não possuem, como em outros bairros da cidade, laços com o trabalho tão fortes por conta da instabilidade e da precariedade que marcam seus papéis profissionais. Nota-se, dessa forma, que o espaço ocupado pelo trabalho na vida das classes médias é, na periferia, destinado ao pedaço. “Para além da soleira da casa, portanto, não surge repentinamente o resto do mundo. Entre uma e outro situa-se um espaço de mediação cujos símbolos, normas e vivências permitem

reconhecer as pessoas diferenciando-as” (Ibidem, p. 117).

Se as periferias guardam essa diversidade, parece que o trabalho dos jornalistas envolvidos nesse jornalismo periférico está em consonância com a necessidade de uma abordagem dialógica e plural, embora as linhas editoriais tragam um direcionamento mais específico do que o comumente aventado pela imprensa hegemônica. A suposta contradição, na verdade, revela que o olhar das periferias, embora específico e engajado com uma parcela do território urbano, é tão diverso quanto o universo mais amplo da própria urbes. Para apreendê-lo em sua complexidade é preciso acionar a utopia de que fala Medina (1996), e entender de que forma isso vem sendo perseguido pelos jornalistas da periferia é o ponto central da pesquisa em andamento. Espera-se compreender de que maneira o fazer comunicacional que se materializa nas narrativas periféricas é colocado em prática – objetivo maior da pesquisa em andamento da qual este artigo é parte. ■

[MARA ROVIDA MARTINI]

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso) e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: mara.rovida@prof.uniso.br

Referências

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. Jornalismo, inovação e empreendedorismo: questões sobre modelos de negócio em contexto de crise. **Líbero**, São Paulo, v. 1, n. 41, p. 74-87, 2018.

BORGES, Thiago. **Jornalismo periférico**: o diálogo social solidário nas bordas urbanas: diário de campo. Sorocaba: [s.n.], 2018. Pesquisa em andamento.

CARVALHO, Guilherme; BRONOSKY, Marcelo. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. **Revista Pauta Geral**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 21-39, 2017.

CHAMPAGNE, Patrick. A visão midiática. In: BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 63-85.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Unesp: Hucitec, 1998.

MEDINA, Cremilda. **Sonha Mamana África**. São Paulo: Epopéia, 1987.

MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem**. Canoas: Ulbra, 1996.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

NONATO, Cláudia; PACHI FILHO, Fernanda Felício; FIGARO, Roseli. Relações de comunicação em novos arranjos alternativos e modelos de produção da notícia. **Líbero**, São Paulo, v. 1, n. 41, p. 100-115, 2018.

OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e emancipação**: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire. Curitiba: Appris, 2017.

ROVIDA, Mara. **Jornalismo em trânsito**: o diálogo social solidário no espaço urbano do trânsito. São Carlos: Edufscar, 2015.

ROVIDA, Mara. Apuração in loco: o impacto do trabalho de campo no fazer jornalístico. **Triade**, Sorocaba, v. 4, n. 8, p. 2-14, 2016.

ROVIDA, Mara. Narrativas periféricas: protagonismo feminino promovido pelo trabalho de mulheres jornalistas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 15., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. Brasília, DF: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2017. p. 1-16.

SANTOS, Milton. **Economia espacial**: críticas e alternativas. São Paulo: Hucitec, 1979.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Studio Nobel, 2002.

SILVA, Livia Lima da. **Jornalismo periférico**: o diálogo social solidário nas bordas urbanas: diário de campo. Sorocaba: [s.n.], 2018. Pesquisa em andamento.